

SUL

Revista do Círculo de Arte Moderna

NESTE NÚMERO

Quando o vento perto de ti passar

poema - ODY F. e S.

Apresentação

ANIBAL NUNES PIRES

Cine e espírito, temas antagônicos?

PAUL BOIS

Nove badaladas repletas de luar

poema - EGLÊ MALHEIROS

Prá início de conversa

SALIM MIGUEL

Canto da saudade que não vem

poema - ANTÔNIO PALADINO

Terra fraca

poema - ANIBAL NUNES PIRES

Aplicação da psicoanálise à arte

EMILIO MIRA y LOPES

A montagem de "Um taciturno"

ODY F. e S.

Opiniões de um comediante

LOUIS JOUVET

Recordando

soneto - SILVIO EDUARDO

Embriaguês

SALIM MIGUEL

Sarna Braba

conto - CLÁUDIO B. VIEIRA

O tarado

JOSÉ MEDEIROS VIEIRA

Quando o vento perto de ti passar

Ody F. e S.

**Quando o vento perto de ti passar
Deixa que te acaricie
E mandado por mim**

**Recebe a brisa fresca
Em teu rosto
Beija êste vento fugaz
Beija-o com rapidez
Antes que fuja
Ele leva palavras minhas
(Aqueles que não te pude dizer ôntem à noite)**

**Quando o vento envolver teu corpo
Não o expulses
Ele cumpre um pedido meu
Aconchega-te em seus braços
Porque são os braços meus**

**Quando o vento perto de ti passar
E ter deixado contigo o meu pedido
Seguindo adiante
Não te voites para o olhar
Deixa que siga só
Pois eu contigo fiquei**



Diretor

ANIBAL NUNES PIRES

SUL

Diretor de Redação

ODY F. e S.

REVISTA DO CÍRCULO DE ARTE MODERNA

ANO I

Florianópolis, janeiro de 1948

NÚMERO 1

É uma verdade indiscutível que, ao homem de nosso tempo, preocupam e interessam, tanto os temas que lhe dão diletantismo ao espírito, como ilustração à inteligência e orientação ao comportamento, dentro da sociedade.

O homem moderno não pode ignorar, totalmente, a maravilhosa complexidade e as reais transformações da vida que o rodeia, nem as «realidades psicológicas» da sua própria vida. Como um é fator inevitável da vida coletiva e tem obrigação de não destoar do mecanismo da transformação que a humanidade vem cumprindo em cada minuto que transcorre.

Fugir incessantemente, dos minutos, das horas e dos dias que passam, é tornar inútil, ex-quisita e angustiosa a existência.

Carrel, com o «O homem é esse desconhecido» inicia o redescobrimto do «Homem» e a Biologia, a Psicologia, a Psicoanálise, passo a passo vêm demonstrando a falsidade das idéias que o homem formou a respeito de si mesmo e do mundo em que vive. A própria Arte não escapou daquelas idéias e hoje, quando corremos em busca do seu conceito mais perfeito, mais humano, mais de acôrdo com as verdades atuais, mais liberta, mais Arte mesmo, somos acusados de iconoclastas, destruidores atômicos de tudo quanto nos legaram os nossos antepassados. Absolutamente. Agradecemos sinceramente, o que nos legaram. Mas só admiramos e agradecemos àqueles, de cujas obras o tempo fez a sua admirável seleção. Não negamos que os modernos não façam trabalhos medíocres. É muito mais fácil ser medíocre numa época de renovação, mas deixemos que o tempo continue a ser o juiz, ele fará a seleção, consciente e imparcialmente.

Nós nos acostumamos a compreender somente aquilo que se explica por si mesmo, somente aquilo que é claro, somente aquilo que não nos obriga à observação, às considerações e às conclusões de fôlego. A dificuldade está em penetrarmos naquilo que não procura ser apreendido. Parece haver uma indigência intelectual, incapaz de permitir a aventura das idéias e das imagens, incapaz de captar aquelas realidades que não são «pão de ló» de festas e nas quais o espírito rotineiro jamais penetrará. Êsses seres humanos rotineiros poderão ser pessoas respeitáveis mas não são artistas porque se debruçam completamente sobre o objeto e as únicas reações anímicas são determinadas pelo meio ambiente; êles ganham o objeto e são dominados por êle. O artista domina o objeto e disseca o sujeito.

O artista moderno parece tender para a síntese absoluta: uma figura humana, uma atitude, uma idéia, uma expressão. A arte clássica procurava aproximar-se do objeto observado e representá-lo o mais identicamente possível, apresentando depois uma obra que era mais uma CORREÇÃO da natureza que a cópia fiel da mesma. Os acadêmicos, tentando copiar, acabaram corrigindo a Natureza; perdendo-se no objeto, por falta de vigor das realidades psicológicas e da atividade mental espontânea, captaram o que êle possui de mais epidérmico e tangível,

O SUL (do Círculo de Arte Moderna), que hoje apresentamos, em Florianópolis, se propõe, na medida das coisas possíveis, revelar os valores novos e acompanhar as idéias do mundo atual no campo da filosofia, da ciência, da cultura e, principalmente, no campo das letras e das artes. Por questão de princípios, o SUL não cogita, terminantemente, de questões político partidárias e de religião.

Observe o nosso público «como os objetos mudam de figura, quando a gente os observa com interesse artístico. Notamos com prazer que vamos obtendo um novo SÉNTIDO».

ANIBAL N. PIRES

Inauguração de um Cine e espírito, temas antagônicos?

Por Paul BOIS - Copyright do

SERVIÇO FRANCÊS DE INFORMAÇÃO

PARIS — S. F. I. — via aérea —
Reabriu suas portas há dias o curso de Cine-pintura, fundado em março pelo pintor Henri Valensi. Subvencionado pelo Estado, que se interessa pelo seu desenvolvimento, funciona por enquanto e na falta de melhor lugar no atelier de Valensi: porta Champerret.

O ensino: conferências e trabalhos, dividido em dois ciclos teórico e prático, será ministrado por Valensi e Lampereur-Haut.

Vindo do movimento musicalista, de que foi animador, Henri Valensi, autor do livro «Le Musicalisme», é o inventor da cine-pintura, que esse curso se destina a divulgar, através de suas possibilidades e de seu futuro. Já no ano passado, por ocasião do congresso anual dos «Amigos da Arte», Valensi teve uma participação muito ativa, projetando alguns trechos de seu filme animado em cores.

Neste ano, além disso, uma comunicação ao congresso de Filmologia e um relatório à UNESCO — em que Valensi insistia nos caracteres internacionais da transmissibilidade desta nova expressão artística — tiveram uma acolhida entusiasta por parte dos delegados.

Já que conserva da pintura seu modo de existência que é o espaço e acrescenta o do cinema que é o tempo, a cine-pintura será a arte de nossos dias. Antecipando a época em que a visão será substituída pela evocação e pela sugestão, alia a a harmonia ao dinamismo. A arte moderna, que vive num mundo colocado sob o signo da pressa, não pode mais ser estática. «As artes plásticas devem se dinamizar, conservando-se plásticas», declarou Valensi.

Os pintores, por outro lado, devem trabalhar em função de um público novo e internacional, servindo-se de materiais inéditos. Suas obras terão a forma de cartões que, depois de animados, serão editados como se fossem livros ou partituras de música. Multiplicado em tantos exemplares quantos forem necessários, o trabalho será suscetível de se difundir entre todos os públicos ao mesmo tempo.

Subjetiva, apesar de se apoiar em dados científicos, a cine-pintura abandona os assuntos literários, filosóficos, musicais, etc... para se realizar plenamente no não-figurativismo. Dos dois caminhos da arte abstrata: organização decorativa de linhas e de cores e harmonia sensível de linhas e cores, a cine-pintura escolhe o último. Entretanto, as significações sensíveis que desperta no espectador serão estabelecidas segundo modos idênticos para todos, «razonâncias sentimentais», baseadas nas regras matemáticas das vibrações. Ao contrário do cinema, os processos mecânicos de cine-pintura só servem para a reprodução, conservando seu caráter humano. A cine-pintura, que está, atualmente, no nível do desenho animado abstrato em cores, não tardará a sobrepujá-lo. Um aparelho idealizado por Valensi já permite ao pintor de lidar com as formas e cores em movimento e de improvisar — como o músico lida com os sons do piano.

Considerando que o futuro da

Pode-se dizer que o cinema francês vive em estado de alarme, artística e economicamente. Os sinais de alerta multiplicam-se. Economicamente, a produção sofreu uma redução que oferece caracteres graves: 50 por cento dos técnicos da cinematografia francesa estão sem trabalho. Para atenuar o mal, pede-se a revisão dos acordos Byrnes-Blum; e a promulgação duma lei que proteja a exploração dos filmes nacionais, aliviando-os dos pesados impostos a que estão submetidos: matérias primas de exportação e reciprocidade para os filmes franceses em relação com os países exportadores.

No que respeita ao aspecto artístico, embora os diretores franceses tenham conseguido impor seu critério e conquistado os primeiros postos nos certames internacionais, correm todos os riscos de levar a pior em sua tenaz luta com os produtores, a não ser que se verifique uma intervenção do público no debate.

A opinião dum diretor não conta para nada, e o cinema não é o que querem os diretores, mas sim os produtores. Mal antigo atenuado esporadicamente por algum gesto independente, mas que se acentua à medida que aumenta o poder dos trusts.

Os produtores querem filmes de «guichet» isto é, que satisfaçam plenamente o gosto do público. Consequência: conformismo e vulgaridade totais. Já se chegou por esse caminho ao extremo de inventar e utilizar uns aparelhos que registram as reações dos espectadores nas sessões de «preview». De acordo com os resultados, são corrigidos os trabalhos dos diretores; Tudo isto acontece, claro está, nos Estados Unidos, mas é de receiar que se estenda a outros países.

No domínio do espírito, os consequências de tal orientação só podem ser deploráveis. Jean Delannoy, o prestigioso realizador de «SINFONIA PASTORAL», declarou sobre o assunto: «Quando se examina, em conjunto, o cinema destes últimos anos, verifica-se que a sétima arte constitui uma empresa de embrutecimento das massas. O melhor filme só procura satisfazer a preguiça do espírito do público, isto, a sua falta de discriminação. O espectador ideal é aquele que, sumido duas horas na sombra propícia, menos faz funcionar seu cérebro. O melhor filme o que cumpra a função de lhe impedir de pensar. O interesse que o cinema exerce sobre a juventude não se deve a atração própria duma arte seleta, mas, na maior parte das vezes e inconscientemente, ao gosto de menor esforço intelectual».

Felizmente, não é este o caso de grande parte do cinema francês, o que se deve, decerto à circunstância de sua liberdade absoluta de expressão. As censuras e inibições que deformam sistematicamente o espírito são desconhecidas na esfera do cinema francês. E nessa liberdade reside a maior esperança de futuro. Porque — como diz o mesmo Delannoy — o cinema francês é de maior idade «e dirige-se a adultos porque em seu honesto meio termo, o filme francês não toma o espectador por uma criança de 12 anos, nem por um idiota congênito, nem por uma máquina de pensar comum».

No entanto, convém viver prevenido. E defender a todo o custo uma arte, cujo autêntico valor cultural corre realmente perigo. Quem mais pode fazer neste caso é o público.

cine-pintura é certo. Valensi pensa que todos os pintores jovens e, sobretudo, os que se dizem «abstratos», devem se interessar por essa forma de arte. Entre eles, muitos já sentiram a necessidade de uma estética nova. Perceberam, mais ou menos inconscientemente, as causas, mas não souberam se afirmar. O curso que Valensi e Lampereur Haut inauguram facilitará suas pesquisas. Assinalemos, por fim, que o ensino dispensado não se destina somente a eles, mas interessa, também, aos amadores e aos estudantes.

SUL não é uma revista comercial, nem política, é apenas um órgão de arte e literatura da nova geração catarinense.

Leia no próximo número:

Caixa de música

Conto de Anibal Nunes Pires

SUL

Revista do Círculo de Arte Moderna

Redação:

R. Feliciano Nunes Pires, 13
Florianópolis, S. C.

Diretor:

Anibal Nunes Pires

Diretor de Redação:

Ody F. e S.

Gerentes:

Salim Miguel

Hamilton V. Ferreira

Redatores:

Cláudio Bousfield Vieira

Eglê Malheiros

Antônio Paladino

Lory Ballod

Armando S. Carreirão

Colaboradores:

Jorge Kaszas

José Tilo Silva

Silveira Junior

Os originais, mesmo não aceitos, ficam na redação.

Todos os artigos são assinados e decorrem, as responsabilidades, de seus autores.

Assinatura por doze números: Cr\$ 24,00

Preço por exemplar:

Cr\$ 2,00

Nove badaladas repletas de luar...

Eglê Malheiros

Contra o céu de um azul
Que ainda pode ser azul
Mas logo será negro
A árvore grande e calma
Tem um sorriso de alegria
Que surge com graça
- Estrela apressada
Tão cedo a brilhar -
E há o mar, a praia, as ondas
E há a rua, a gente que passa
Com pão e ilusões
Para se alimentar
Há minha tristeza à janela
Em busca de um sonho, da parte feliz do meu eu.
Na árvore que não é grande nem calma
E fica bem perto de mim
Que não tem brincos de estrelas
Mas ramos desnudos
Que imóveis tremem de frio
Eu fui largada com lassidão
Os sonhos todos que ousei reter
Depois com pressa e medo
Eu prossegui no atroz brinquedo
De expor prá mim
E para o todo em meu redor
Sózinhas, desgarradas
Todos os anseios falhados do meu ser
O esqueleto da árvore
Caricata sem piedade
Coreógrafa do meu "eu"
Vestido de egoísmo, ambição e esperança
Recalques, complexos e amor
Dançou cruel sarabanda
Ao som da música sem sons
Do noturno da aniquilação
Eu ainda estava desnuda
De todo sonho e desejo
Quando o relógio bateu
Fazendo-me despertar
Foram nove batidas
Que vieram cheias de lua
Bailar sorriso e beleza
Ao som daquela sonata
Que tem um nome — viver
Eu tive então consciência
Da minha mocidade
Do tempo e da sede que eu sofro
De sentir ódio, amor, alegria
Lavar meu mundo com lágrimas
Encher tudo de riso
E nunca me saciar
Da minha árvore fantasma
Que imprimia dúvidas na luz
Recortando nas nuvens, no céu,
Os ramos tristes vestidos
Com minha bagagem interior
Eu fui recolhendo de novo
Tudo que quero e desejo
Tudo que amo e odeio
Vieram junto com riso
Minhas tormentas também
Quando fiz o inventário
Da mobília do meu cérebro
Vi que lá fora no espaço
Talvez por culpa da lua
Ficara vibrando, perdida
Por entrar raios de luz
Trauteada a "uma-voz"
Aquele minha canção
Para ser modulada a duas vozes.

É por falar em livros...

Crítica literária. Informações bibliográficas, etc.

P'ra início de conversa

Salim Miguel

Bem, queremos fazer disto aqui um cantinho de conversa mensal, com os nossos amigos leitores. Troca de idéias, sabem. Não será uma conversa casmurra. Nada disto! Será assim como um "tête-à-tête", onde trocaremos idéias e discutiremos - como pessoas civilizadas, é lógico - sobre literatura. Sim, somente literatura. Porque, dos demais assuntos, tratarão os outros.

Mas nós, repito, falaremos de livros. Daremos nossa opinião sobre os mesmos. Criticaremos abertamente os que não nos agradarem, assim como elogiaremos rasgadamente os que nos caírem no gosto. Seremos, e aqui está um dos pontos capitais da questão, fiéis para com os leitores e para conosco mesmos. Aqui só prevalecerá uma vontade: a da justiça. Não teceremos louvores imerecidos ou críticas a quem quer que seja. Ainda que o nosso melhor amigo escreva um "abacaxi", diremos que é um "abacaxi". E, do mesmo modo, elogiaremos o livro de um inimigo, se êle o merecer. E, ainda, tanto criticaremos um livro de escritor famoso, nome já feito, como elogiaremos uma estréia.

Quanto ao critério adotado, será um só: o de inteira isenção de ânimo, o afastamento completo de partidatismo. Veremos os livros pelo seu valor real. Analisa-lo-emos sob todos os pontos de vista.

Não visaremos, nunca, pessoas. Mas sim idéias. Não cuidaremos tampouco de gramática, regrinhas e que tais. É preferível um livro com idéias, com alguma coisa, a um livro perfeito em gramática, em regras de fazer livros bem feitinhos e vãos. O que não quer dizer que se escreva à vontade, sem atenção às palavras, sem preocupação de estilo, de linguagem, como quem tira de dentro dum saco as pedras de um vispora e as vai alinhavando ao bel-prazer da sorte. É preciso não confundir bagunça com liberdade. O dizermos que se deve preocupar com a idéia, com o tema, não implica em dizermos que se deva atirar as palavras atoa dentro do livro. Na liberdade é onde se exige maior dose de capacidade. Num trabalho fácil é onde está a maior difiliculdade em se fazer coisa boa. Precisamente pela facilidade.

Nesta página, além das apreciação literárias normais, daremos pequenas notas sobre os últimos livros aparecidos. A princípio, nossa tarefa, bem o reconhecemos, será difícil. Já pelo difícil contacto com os principais centros do país, já pela dificuldade com que a revista vai lutar nos primeiros tempos. Mas faremos o melhor dos nossos esforços para manter os nossos leitores sempre a par dos últimos acontecimentos literários do país (e quem sabe se mais tarde, não o faremos também com o exterior?).

Queremos fazer - ou tentar fazer - a página dos leitores aqui. Para isto aceitaremos pequenos artigos críticos, sobre livros e os publicaremos, quando estiverem com três pequenos itens, que aí vão 1º. curtos (lutamos com enorme falta de espaço); 2º. em linguagem decente (não no sentido moral da palavra, mas no literário, isto é, publicáveis); e 3º. quando não contiverem ataques pessoais. Aceitamos também sugestões para outras secções, nesta página sob nossa direção, é lógico.

Mais outra coisa: as críticas, os comentários por nós assinados, obedecerão unicamente ao nosso gosto particular. E como não temos pretensão de ser "os tais", não significa isso que o livro seja bom ou mau, mas que nós o achamos bom ou mau. Daremos, é claro, as razões disto. Os que conosco

concordarem, tanto melhor. Uma coisa porém garantimos. Nunca teremos coragem de, recomendar aos leitores, Suzanas (Nelson Rodrigues) Flaks, Senhoras Leandro Dupré e outros abacaxis. Disto estamos certos. Livros assim, se algum dia nos abalardarmos em analisar, será somente para mostrarmos o quanto de irreal, de falso, êles contêm, e o mal que fazem. Porque, se a boa leitura é a maior fonte de cultura do homem, a má leitura, a leitura sem um meio seguro de informações e feita desordenadamente, é prejudicial, muito prejudicial mesmo. Faz-nos ver com côres irreais a realidade da vida. Torna-nos incapazes de enfrentar a adversidade.

Não se pense agora que temos a pretensão de ser esse "meio seguro de informação".

A maior mentira que existe é a daquela frase que diz: "Não há livro tão mau que não tenha algo de bom". Puro engano! Existem centenas, milhares de livros que somente possuem coisas más. Não falamos aqui no sentido moral, é bom que se saiba. Falamos no sentido artístico, o que é coisa bem diferente. Quando falamos em livros, não reconhecemos moralidade. Existem bons e máus livros. . . E é só.

E agora, sem mais delongas, arregacemos as mangas e entremos a trabalhar. Até o mês que vem.

LIVRARIA MODERNA

- de -

PEDRO XAVIER & CIA.

dispõe de variado sortimento de material escolar, livros didáticos, papelaria e artigos de escritório em geral.

Rua Felipe Schmidt, 8

FLORIANÓPOLIS

Leia no próximo número:

Lima Barreto, um escritor quase desconhecido

de Salim Miguel

Três histórias sem fim...

Paradoxo teatral em um ato de Ody F. e S.

Ewaldo. S. Ramos Schaefer

A chuva caindo,
 O vento uivando,
 Os homens correndo,
 Correndo aos abrigos.
 A chuva molhando,
 As ruas e casas,
 Lavando os caminhos,
 Descendo dos morros,
 Vai tudo arrastando.
 As arvores dançam,
 num infernal frenesi
 Jogando as folhas
 Ao vento que as leva
 Bem longe distante,
 Bem longe dali.
 No mar agitado
 As aguas revoltas
 De encontro aos rochedos,
 tentando abate-los,
 Gigantes inertes.
 Os pássaros piam
 Cachorros já latem,
 E todos se escondem,
 com medo, acuados.
 É a tempestade,
 cruel, inclemente,
 . . . E o vento uivando,
 . . . : A chuva caindo.

Uma obra estranha de SARTRE

PARIS — (S. F. I.) - Jean Delannoy dirige em Joinville o filme "LES JEUX SONT FAITS", conforme argumento de Jean-Paul Sartre, o mestre existencialista. O cenário representa uma modesta praça duma pequena vila. O lugar seria mesmo vulgar se não revelasse aos espectadores a presença dos "mortos misturados com os vivos", negligentemente sentados na beira dos passeios ou encostados às paredes das casas.

Entre duas tomadas de vistas, o operador observa ha dias o ceu com certas inquietação, porque a próxima cena exigia que o asfalto tivesse tons sombrios. Quando verificou que o tempo se desanuviava, exclamou desesperado: "O sol!", e uma ordem imperiosa respondeu vigorosamente: "Os bombeiros!". E dois homens chegaram correndo regando copiosamente o pavimento, visto que o sol não se levanta nunca no inferno de Jean Paul Sartre.

Figueirense Futebol Clube

Ingressar no quadro social do FIGUEIRENSE FUTEBOL CLUBE é trabalhar pelos desportos catarinenses. E dar disciplina e criar espírito associativo entre os jovens.

Universidade Existencialista

PARIS — S. F. I. - Nas terrasses do boulevard de Saint-Germain-des-Pres, onde as hostes existencialistas armaram arraiais, especialmente no café de Flores, circula um boato: que o sr. Jean-Paul Sartre, o supremo mestre da escola, pretende por a verdade de suas doutrinas ao alcance de todos. Diz-se que o mestre de "Huis-Clos" vai abrir uma Universidade, onde ao lado de outras eminências do existencialismo, dará curso completo sobre a nova escola. Já se aponta até como o lugar provavel da Universidade existencialista o teatro do Vieux-Colombier. E naturalmente, os inimigos de Sartre, ironizam ou protestam contra a idéia, segundo seus temperamentos e vocações.

O canto da montanha

Armando S. Carreirão

Anoiteceu. O sol fugiu. . .
 Anoiteceu! Anoiteceu!
 A música ecoou lá na montanha:
 "Nem tudo que balança cai. . ."
 E a música ecoou. . .
 E eu partí. . .
 Dancei, bebi, cantei, beijei e. . .
 O trombone gritou:
 "Nem tudo que balança cai. . ."
 E ecoou da montanha à cidade
 E toda gente subiu. . .
 Subiu. . . subiu. . .
 Dançou, bebeu, cantou, beijou e. . .
 O pistão bradou:
 "Nem tudo que balança cai. . ."
 E a gente cansou,
 Caiu! Caiu!
 E o sol voltou.
 Amanheceu! Amanheceu!



Reabilitando os mutilados da guerra

Na secção de treinamento com instrumentos elétricos do Queen Elizabeth's Training College para incapacitados da guerra, estes três ex-combatentes aprendem, com o auxílio de braços mecânicos, os segredos de uma profissão que pretendem seguir futuramente.

(BRITISH NEWS SERVICE)

Canto da saudade que não vem...

Antônio Paladino

Tantas, tantas mulheres que eu amei . . .
Beijos das horas mortas . . . murmúrios . . . desejos . . .
De tantas, de tantas mulheres que eu amei . . .
A primeira namorada: as primeiras ilusões . . .
As outras namoradas: as primeiras decepções . . .
E a vida, e a realidade, e a descrença . . .
Que vieram depois.

Tristeza das noites gastas nos braços das cortesãs! . . .
E das idéias devassas, e dos sentimentos lúbricos . . .
Tristeza: dessa tristeza que também é um pouco de amor,
Que também é VIDA a pulsar no coração.

Pobre! Oh! pobre noctâmbulo das noites boêmias.
Vamos! Não desespera! O tempo se perde
Anda! desabafa as lágrimas que afogam o teu espírito:
Que é isto? Não choras? As lágrimas não vêm?
Pobre! Oh! pobre noctâmbulo das noites boêmias.

Quisera, sim, quisera ter saudades das tantas mulheres que amei . . .
E essa saudade não chega, minha alma adormece . . .
Só a aflição, só o desalento, das almas que se extinguem,
E que procuram inútilmente se apegar ao passado das coisas que morrem,
Das coisas que morrem a morte lenta do esquecimento . . .

O frio das noites sepulcrais . . .
O encanto lúgubre dos cemitérios e das sepulturas . . .
Voa, alma! Voa! Vence o tempo . . . atravessa o espaço . . .
Dorme o sono eterno nos braços do passado,
E das tantas, e das tantas mulheres que eu amei!

TERRA FRACA

Por ANIBAL NUNES PIRES

Rolarão os anos
Na monotonia de todas as horas:
Os mistérios e os segredos
Ficarão na angústia
De todos os silêncios,
A dúvida e a incerteza
Envolverão os homens
Com todas as suas sombras...

E... na terra fraca
Os homens serão fantasmas,
Inconscientes do ser,
Bêbedos de misérias
Levantarão os braços
Nos abismos,
Como palmeiras
Áflitas e solitárias.

Na terra fraca
Os homens nascerão «sêm vida»;
Sem razão, sem forças e sem amor.
Na terra fraca
Eles rodarão
À-tôa,
Como folhas secas,
Rodoopiando no chão.

Terminará nos vegetais
A orgia de clorofila
E as plantas secarão
Na terra fraca,
Ficando apenas
Espectros
Fincados no chão.

As silhuetas
Dominarão a paisagem sem cor,
Tudo terá o sabor
Amargo das coisas
Que terminam
Para nunca mais tornar,
Na terra fraca
As coisas não começam
As coisas não terminam.

Rolarão os anos
Na monotonia de todas as horas
E a terra fraca
Terá perdido
O barro virgem
O barro moço
A argila virgem
A argila moça

Aplicação da Psicoanálise à Arte

Dr. Emílio Mira y López.

(Tradução do original: Los fundamentos del psicoanálisis - Editorial Americana - Buenos Aires por Ody F. e S.)

As teorias freudianas tem sido rapidamente difundidas nos meios artísticos, principalmente na literatura e no teatro, aqueles, porém, extraíram destes grande parte de seus argumentos, já que aqui, como em tantas outras ocasiões, já a arte se há antecedido à ciência no descobrimento das realidades psicológicas.

Não é vã a criação artística; desde tempo imemorial, tem sido a expressão plástica da vida emocional do homem, tanto quanto a investigação científica tem pretendido ser da sua vida intelectual.

A psicoanálise tem demonstrado como as obras mestras da arte (não só poética e literária, como pictórica, escultural, arquitetônica, etc.) eram em muitas ocasiões resultantes da projeção dos próprios conflitos e complexos afetivos de seus autores.

Na revista "IMAGO" (1913) Freud publicou sua primeira contribuição neste particular, psicoanalizando a famosa obra de Shakespeare, "Mercador de Veneza". Pondo em relação a cena da eleição de uma caixa entre três (de ouro, prata e chumbo) com outras cenas similares, de outras obras (na tragédia "O rei Lear" o pastor Paris também tem de eleger entre três deusas) chega a conclusão de que aquela simboliza a eleição de um homem entre três mulheres; nesta eleição sai sempre vencedora a terceira (que ama e se esconde no fundo, é modesta e desaparece na profundidade como o chumbo). Da imagem desta terceira irmã faz a psicoanálise o símbolo da morte (silenciosa e oculta na profundidade) que é, por sua vez, por curiosa antinomia, o símbolo do Amor (não se esqueça de que García Lorca chamava ao êxtase amoroso: "la muerte chiquita...")

Amor e morte são condensados em um mesmo símbolo, assim em "O Rei Lear", a morte, sob a aparência da terceira irmã, vem tentar o herói no campo de batalha e o aconselha renunciar ao amor para escolhe-la. Ele então abre seus braços, inutilmente, para as outras irmãs (símbolos de mãe e esposa) mas somente chega a estreitá-los ao redor da que simboliza Vida-Morte, ou seja, a eternidade.

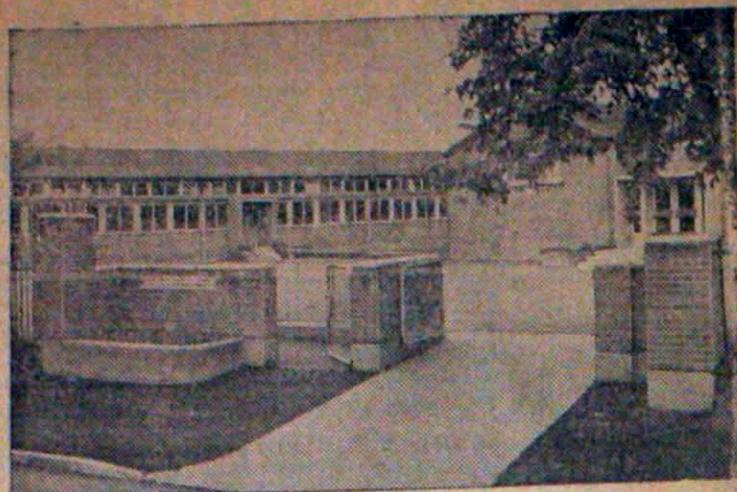
De um modo semelhante há sido psicoanalizadas diversas obras de Leonardo da Vinci, A Gradiva, de W. Jensen, A vida amorosa de Lenau (Sudger), A devoção de Zinzendorf (Pfister), o Holandês errante de Wagner (Graf), o complexo edipiano de Hamlet (Jones), o simbolismo de "A tentação de Santo Antônio" de Flaubert (Reik), o de Lohengrin (Rank), a figura de D. João Tenório (Rank), Valbuena, etc.

Rank reuniu em seu belo volume (O artista) os exemplos de múltiplas obras literárias, nas quais patenteiam-se diversas variedades de complexos sexuais, além dos de Édipo e Electra. Seus autores são mestres da têmpera de Sófocles, Eurípedes, Racine, Voltaire, Schiller, Byron, Ibsen, Goethe, Cervantes, Lope de Vega, Wagner, Dostoiévsky, etc. . .

Maeder realizou, também, uma bela análise da Divina Comédia de Dante: seu medo às três feras (símbolos do sensualismo, ambição e avareza), seu encontro com Virgílio, sua visita ao inferno, sua ascensão ao monte da purificação, seus exercícios expiatórios e sua união com Beatriz (símbolo afetivo da alma enobrecida) plasmam a fantasia do autor em ação para libertá-lo de seus conflitos e conseguir-lhe a paz interior.

Em língua espanhola, recentemente, Angel Garma publicou um interessante ensaio psicoanalítico do poeta Arthur Rimbaud e de suas obras (Revista de Psiquiatria y Criminalogia. Junio-1940 Buenos Aires)

Quando à psicoanálise das grandes produções musicais (Pfeifer, Lachs, Reik) e da música primitiva (báquico-religiosa), demons-



A primeira escola britânica de após guerra

A Escola Secundária de St. Audrey, cujo belo e moderno exterior mostra a fotografia, foi a primeira escola permanente construída na Grã Bretanha depois da guerra. Está situada em Hatfield, foi projetada pelo Sr. Howard Lobb e já está sendo frequentada por 400 alunos.

(BRITISH NEWS SERVICE)

Relojoaria GOMES

VENDE SEMPRE POR MENOS

Rua Felipe Schmidt, 42 A
FLORIANÓPOLIS

Aguardem!

UM TACITURNO

três atos de ROGER MARTIN DU GARD

Mais uma apresentação do

Círculo de Arte Moderna

tra de modo evidente a origem sexual desta e da dança, destaca o valor do ritmo sobre a melodia em sua manifestação inicial e sua posterior capacidade de servir imediatamente a supremacia desta sobre aquela-para a sublimação passional e a expressão de todos os matizes afetivos derivados.

Em todo caso, a "fugacidade" das imagens da música e da dança lhe proporciona um caráter distinto do resto das expressões artísticas e lhes dá uma capacidade de ação muito mais profunda que a conseguida por estas (não em seus criadores, nem em seus atores, mas sim em seus espectadores.)

**"O zero e o infinito" de
Koestler
ou o romance da vio-
lência**

por CANDIDO MOTTA FILHO

Com a nova moralidade política de nossos tempos, a violência tornou-se regra de ação, e isto porque a ação política de hoje é revolução, ou melhor é a teoria e a prática da violência. Nada mais natural portanto que o romance político expor o argumento da violência.

O problema foi posto magnificamente em foco por «O ZERO E O INFINITO» de Arthur Koestler que o IPE (neste Estado representado pela livraria EDIÇÕES ATLAS SANTA CATARINA LTDA, Florianópolis) acaba de editar em tradução portuguesa. Vale a pena lê-lo por se tratar de um livro que se pode ler várias vezes tal é o seu poder sugestivo. Integrado na força expressional da língua vernácula, ele que é algo de estranho para a nossa sensibilidade, ganha de um certo modo em nitidez e equilíbrio de valores sociais. — Neste romance Koestler explora o tema da monstruosidade do fanatismo doutrinário. O autor é, com Victor Hugo, com Tolstoi, com Gide, um revoltado contra a violência. Muito embora tivesse feito seu exercício militar obrigatório no marxismo, e não perdesse de todo os reflexos condicionados do mesmo, Koestler denuncia desesperadamente a consciência civilizada, os efeitos negativos da violência. A Rússia bolchevista que se constituiu garantida pela violência proletária, ofereceu neste assunto uma profunda e densa experiência. Quem lê os Estatutos do partido Comunista aprovados no XVIII Congresso, sabe que o partido assume em plena ordem constitucional soviética, o papel de uma milícia revolucionária, exigindo de seus membros uma submissão incondicional. E assim organizado o Partido se estende ao exército vermelho de camponeses e trabalhadores.

A violência surge daí cauculada e oportuna para evitar as deformações políticas. Surge impregnada daquele frio fanatismo que dá o tom dominante à obra de Koestler. Havia um tal rigor lógico no processo de denúncia contra Roubachof que não era possível computar a consciência da vítima, nem o que se passava em sua cabeça e o seu coração. Para o Partido existia apenas um crime; o desvio do caminho traçado e uma só pena; a morte.

Quando lemos Tolstoi ou Gide sentimos horror à violência e uma grande reverência ante o problema da morte. Neste romance porém o contato glacial da dialética bolchevista confere aos sofrimentos de Roubachof e à morte que o espera, um caráter de solução lógica pelas divergências políticas. O que mais nos comove é essa destruição do homem e seu amargamento por uma política esfrida nas geadas marxismo-leninista. Roubachof não é o condenado que se debate na angústia do desespero e do terror. Sua alma é uma alma coletivizada que não hesita em confessar-se número zero e em aceitar o golpe na nuca.

«O zero e o infinito» é o romance

A MONTAGEM DE "UM TACITURNO"

Ody F. e S.

Estiveram, os membros do Círculo de Arte Moderna, empenhados na preparação deste primeiro número do SUL. Voltarão, porém, dia 12 de fevereiro, ao seu trabalho teatral, dedicando-se às atividades da montagem de «Um taciturno».

Procuraremos dar, neste artigo, os planos da encenação desta obra célebre de Martin du Gard e procuraremos explicar os métodos usados pelo departamento de teatro do C. A. M.

A montagem de «Um taciturno» obedecerá, em linhas gerais, à técnica empregada em «O homem da flôr na boca» e «Um homem sem paisagem». Sendo a apresentação cênica mais aperfeiçoada e contando com condições materiais bem melhores. O método empregado nas duas peças citadas é pessoal, criação do C. A. M. O «leit-motiv» da nossa criação obedece ao enunciado:

Atingir a realidade temática através da irrealidade cênica

Expliquemos nosso princípio: Levamos as circunstâncias óticas da peça, os cenários, para um campo simbolista, a um plano altamente subjetivo, atingindo as raias da irrealidade. O tema, contudo, permanece normal, compreensível e bastante lógico.

À primeira vista pode parecer estarmos laborando em paradoxo, levando a interpretação de um tema para um estado de mistificação cênica. Tal não acontece. O nosso princípio de criação cênica sobrepuja dois grandes problemas da arte teatral: tempo e espaço. A irrealidade cênica levará, com mais rapidez, o público, à verdade temática. Isto é o que iremos fazer.

Para os menos avisados e pouco experientes das coisas de arte, poderá, o nosso espetáculo, parecer um conglomerado de loucos movendo-se e falando dentro de um imenso pandemônio. Para o espírito crítico, para as pessoas que acompanham o desenrolar da cena com o raciocínio e não com os sentidos, iremos atingir um nível estético de real valor e a montagem da peça dará margem para a compreensão do tremendo subjetivismo do tema, como é o caso de «Um taciturno».

(Continua na página seguinte)

de quem aprendeu que a violência é condição de vida e que ensinar a não violência é consolidar a violência. É o romance do que flagela a forma hipócrita da democracia constitucional que consagra a violência sob o rótulo de lei e justiça em lugar de reconhecer-lhe a autêntica razão de ser como ideia motriz da evolução histórica. E enfim o romance que vê nas forças obscuras da vida um desmentido aos sonhos de fraternidade e pacifismo.

Um grande livro.

Opiniões de um comediante

por LOUIS JOUJET

(Copyright do Serviço Francês de Informação)

Represar seus próprios pensamentos e usar suas energias para comunicar a seus semelhantes sentimentos alheios, libertar-se publicamente, de paixões simuladas com domínio, assimilar os sentimentos de outro e vivê-lo, numa constante burla de si mesmo, preferir ou declarar o que não se tinha pensado, sofrer profundamente muitas vezes o que se sente, controlar continuamente as próprias emoções, trocar em cada ato o próprio "eu" por um "eu" novo, eis a vida deste monstro que se chama Comediante.

Atingido por todos os males morais da imaginação, atacado de mimetismo, não pode o Comediante, sem imodéstia, julgar-se pensador, moralista ou crítico.

As reflexões que um ator pode fazer traduzem estados físicos; é a sua inferioridade, mas pode ser também a sua virtude.

O que um ator pode dizer sobre os autores dramáticos esprime-se, antes de tudo, pela pressão sanguínea ou estado nervoso, a pertubação animal que experimente ao viver as personagens. É esta, antes de tudo, sua maneira de pensar. Ele não é mais que a sensibilidade cega, um conjunto mecânico de sentimentos e de gestos onde as secreções do cérebro produzem uma espécie de estimulante para a sua ação na cena. Isto não é do pensamento e é, contudo, uma maneira de pensar.

Para o comediante uma peça é uma espécie de prova desportiva. Os personagens que encarna, as conversações que tem na cena, as ações que ali comete são sua maneira de sentir o autor, sua única forma de o conhecer, mesmo que, frequentemente, goze o favor de almoçar e jantar com ele:

Uma peça é uma aventura na qual o ator se envolve, um jogo fingido, escôa-se através dele esvaziando-lhe os reservatórios da própria sensibilidade.

A situação dramática - este estado onde o ator se vê subitamente colocado na ação que

Sr. Comerciante

Anunciar em SUL, além de dar divulgação ao seu negócio, é um apoio decisivo, prestado à nova geração catarinense.

A montagem de «Um taciturno»

Dentro do espírito contemporâneo, não podemos permanecer em um plano material, isto é, criar a arte para que seja captada em um estado imediato pelos sentidos. Para a captação do espírito moderno e da vida moderna, temos de, conseqüentemente, partir para um plano subjetivo. Para a atmosfera nebulosa, a qual o espectador atingirá através do trabalho mental. Dentro de uma síntese simples, o espectador tem de caminhar até nossa interpretação, nós não a trazemos ao público. Por estas circunstâncias nosso teatro não se destina ao grande público, nem aos pobres de espírito, não faz mal que nossa assistência não ganhe os reinos dos céus, ganhará, no entanto, um momento de arte e um instante das paixões que agitam o ser humano.

«Um taciturno» é uma peça complexa. É uma tragédia burguesa, tocando tema de grande importância: O homossexualismo. Os personagens possuem, todos, uma nota distoante, não são perfeitamente normais. A trama tem, em si um segundo sentido. O tema, o fundo da peça, não é exposto no diálogo corrente, está nas entreslinhas, está no ar. Dando nossa criação à peça levaremos, através do impressionismo, o espectador à entrelinha do diálogo, ao tema em si.

Para atingir a realidade temática através da irrealidade cênica, usamos duas tendências características da arte moderna: O impressionismo e o surrealismo. Temos certas dificuldades para realizar isto, principalmente de ordem econômica, mas esperamos, brevemente, oferecer ao nosso público esta segunda récita do «Teatro de Câmera» do C. A. M.

Qualquer livro...

(Romance, poesia, religião, técnico)

de qualquer editora...

(Nacional ou estrangeira)

ser-lhe-á fornecido

(por Reembolso Postal, si quizer)

LIVRARIA ROSA

Rua Deodoro, 33 - Florianópolis

se desenvolve, esse momento em que os acontecimentos o envolvem e assaltam, obrigando-o a debater-se pelas palavras, esses fatos e peripécias em que se envolve e a que reage por um texto, - esta situação dramática não é, neste momento, mais que uma fórmula ou maneira de dizer.

O ato não se compara a nenhum que o podem apreciar ou experimentar e ela o su-

bmete e transporta ao mesmo tempo. Este serviço que êle realiza por conta do autor, sua participação numa obra de teatro entre o que a elabora e cogreda e os que a assistem com os olhos e o coração, dão ao ator um ponto de vista novo para falar a respeito.

Um ator julga realmente uma obra dramática com sua sensibilidade e sua pessoa física e não com o seu espírito.

Recordando

Silvio Eduardo

Os ossos do beija-flôr...

Deixam nossa namorada

Sequinha por um amor.

(Lenda popular entre os gurus)

E... montei no dragão dos contos infantis,

Subi pelo luar às grandes altitudes...

Dei saltos de acrobata entre as simples virtudes,

Por Andersen e Grimm tive amores senis.

Pelo soluço fui às grandes traquinadas,

Brinquei de amarelinha e joguei futebol...

Tomei banhos de mar, tomei banhos de sol...

Com soldados de chumbo idealizei paradas.

Um beija-flôr matei e puz no formigueiro,

Dos ossos fiz farinha e misturei na rosa

E pedi a Babá que lhe sentisse o cheiro.

A Babá francesinha era toda um desejo...

Cheirou a rubra flôr e ficou graciosa,

Então, subi no amor e mergulhei num beijo.

Com. Ind. Fett Ltda.

Industriais e Exportadores

P I N H O

BRUTO — BENEFICIADO — CAIXARIA

Escritório: Rua 24 de Maio, 246 - Caixa Postal, 16

Florianópolis

Fábrica: CAMBIRELA

Szymanowski visto

por Scott Goddard

O II concerto para violino é obra do último e mais maduro período de criação do Szymanowski. Este concerto para o ouvinte de inteligência perspicaz e equilibrada, constitui uma experiência ao mesmo tempo transtornante e reconfortadora, não é, no entanto, a obra através da qual ele se deve encontrar pela primeira vez com o compositor. Devemos começar a conhecê-lo pelas «Mazurcas», pela suite do bailado de «Harnasie», pela sugestiva «Sinfonia Concertante» para piano e orquestra e pelo «Rei Rogério». O II concerto para violino apresenta uma unidade ininterrupta. A música corre suavemente e o ouvido deixa-se levar por essa facilidade aparente. Na realidade o ouvinte não deve perder a consciência do que está acontecendo, pois no caso contrário a riqueza da feitura absorve inteiramente a sua atenção. A ornamentação exterior é tão fásicante que o ouvido não se pode desligar dela e assim a estrutura interna da obra pode não ser captada.

Daí poderia resultar facilmente a impressão de que não há nada senão ornamentação. Não é difícil provar o erro de tal julgamento. A construção musical no II concerto para violino é simples, como é simples a construção da sinfonia Bach. Conserva uma linha fácil de descobrir na partitura; é algo mais difícil, embora não impossível, descobri-la unicamente com o ouvido. Os temas ricamente desenvolvidos a partir desta linha, fazem com que o ouvinte se sinta ligeiramente desorientado de início. À medida que formos ouvindo o II concerto para violino, desde o seu início calmo, no qual se apresenta logo o modesto material do concerto inteiro ao longo das oito partes da obra, temos a impressão de escutar o discurso dum orador fluente, ou de apreciar um hábil malabarista. Não há intervalo aparente no processo do pensamento, o tema passa, com uma vivacidade nada incomoda, por uma sequência de variações melódicas e rítmicas, o que constitui a verdadeira forma fundamental do concerto. Temos aqui o exemplo de uma habilidade plena de graça, criando uma música que contém numerosas passagens súbitas, e que nos dá no entanto, a impressão de absoluto domínio do variado material.

A última «parte» tem a rapidez de um ritmo de dança que a um ouvido estranho soa a tons poloneses. É um fim magnífico e de enorme efeito, embora o material do concerto esteja também belamente trabalhado nas outras partes da composição.

A música de Szymanowski não se pode incluir em nenhuma esfera de influências populares do século vinte. Assimilamos que quando Stravinski e Schönberg, obtinham sucesso em toda parte, existiam, apesar disso, compositores que, nessa geração seguiam o seu próprio caminho.

Nunca estiveram «terrivelmente» em moda. Raramente a sua música se escutava. Mas possuíam essa particularidade que sentimos na melhor música de Szymanowski; a visão original formada num cérebro atento dum artista criador.

Scott Goddard («The Listener»)

DR. ALDO AVILA DA LUZ

ADVOGADO

Aceita causas civeis, comerciais e trabalhistas

Consultas e Pareceres

Rua Felipe Schmidt, 21

Em torno de «A Grande Ilusão», de Renoir

PAPIS (SFI) — Reapareceu num cinema de Paris o famoso filme de Jean Renoir, «A GRANDE ILUSÃO». E suscitou-se uma violenta polémica entre partidários e adversários da obra do grande diretor. Ambas as partes vêm no filme a afirmação ou a negação de suas convicções. Na realidade, mais do que uma polémica artística, trata-se de uma apaixonada discussão política. O que está em discussão não é o talento nem a pessoa de Renoir, mas a oportunidade da «reprise» do filme.

Prevendo o fato, Renoir «se» veu de Hollywood, esclarecendo que «A GRANDE ILUSÃO» era «uma evocação da guerra de 1914-18».

Por outra parte, a carreira desse filme foi bastante agitada. Apresentada em 1937 na Bienal de Veneza, obteve por unanimidade o primeiro premio: a copa Mussolini. Quando o Duce teve conhecimento disso ficou furioso. Um mês antes, Jean Renoir havia escrito um artigo no que tratava Mussolini de assassino. Finalmente, a copa Mussolini foi para o filme de Duvivier CARNET DE BAILE e criou-se um premio especial para A GRANDE ILUSÃO: o «Prêmio para o melhor elenco artistico».

O «clan» alemão também reagiu, mas de forma diferente. Goering, que assistiu às projeções no Bienal, entusiasmado com o filme de Renoir, quis comprar-lhe os direitos para a Alemanha, mas houve uma intervenção do Dr. Goebbels que exigiu que desaparecesse da obra o papel de judeu interpretado por Dalió, visto «não ser possível apresentar na Alemanha um filme que mostrasse um judeu simpático, sobretudo de uniforme».

Mes, Renoir opôs-se a cortar a cena; e o filme nunca foi visto na Alemanha.



A indústria da cerâmica na Grã-Bretanha

Os produtos da cerâmica britânica destinados aos mercados estrangeiros, nos quais tiveram sempre enorme aceitação pela sua qualidade e beleza, são cuidadosamente acondicionados para chegarem em perfeito estado a seu destino. A fotografia mostra operários de uma fábrica de louças acondicionando em barris de madeira uma partida de chicanas destinada ao exterior.

(British News Service)

EmbriagueS

SALIM MIGUEL

(Capítulo de um romance em preparo)

A solidão do meu quarto me apavora. Não me acho disposto p'ra coisíssima alguma. Este ambiente me sufoca e enerva. A cama, a escrivaninha, as paredes cobertas de teias de aranha e sujeira, os próprios livros, me deixam indisposto e com vontade de nem sei mesmo que fazer.

Saio a perambular pela rua. É noite. Perco-me em divagações. Tento dar paz ao espirito, pelo esgotamento físico. E vou caminhando. Não reparo por onde passo (também pouco me interessa). Vejo, como em brumas, casas, árvores, mulheres e homens que passam, algumas estrêlas, tudo isto numa mistura infernal (Bem pode ser que os homens e mulheres estejam pregados no céu e as estrêlas andando cá em baixo).

Parece que está uma noite clara (ou será luz elétrica?) Acho-me agora, sem saber como, à beira mar. Um vento fresco, passa, vagaroso. Está tudo calmo, quieto. O mar, é um convite à morte, ao esquecimento. Um pulo, e pronto! Está tudo liquidado. (Estará mesmo tudo liquidado?)

Mas o instinto de conservação é mais forte. Afasto-me. Olho sempre em frente, e sigo, firme.

Música. De leve, de leve, bem de leve. É como uma carícia lenta, mas tão sutil que quase não se percebe.

Música. Percorre-me todo o corpo, me possui, me acaricia cada vez mais violentamente.

Música! (É um tango). Onde virá?

Uma casa iluminada que é um facho na sombra. Uma casa iluminada que é um porto para um barco perdido.

É um bar. E eu, o barco perdido, atraco. Na porta, esbarro com dois ou três marinheiros embriagados, que saem. E o tango continua.

Entro. Cheiro de suor. Fumaça. Bebidas. Rostos vermelhos. Olhos de embriaguês. Sono. Tédio. Risos. Gritos. Mulheres que se bamboleiam. Cupidês. Lascívia, (Zum-zum de todos os bares).

Bracejo por entre pessoas, mesas, cadeiras. Alcanço uma mesa desocupada. Sento-me. Imediatamente, uma loura vem sentar-se ao meu lado. Mando-a embora, violento. Não estou disposto p'ra aturar mulheres.

Um garçon. Isto sim, me interessa. O que me atende é magro, alto, cabelos revólto, cara de poucos amigos. Mais parece um revolucionário de literatura barata. Peço um vermouthe com cognac, duplo.

A bebida sabe-me bem. Sorvo-a devagarinho. Preciso aproveitar.

Malabarismos de luz e sombra, no salão. Dansam. Ora é

luz sòmente; ora sòment sombras. Às vezes se unem, se misturam, se compreendem.

Peço outra dose. Nada como beber. Logo, logo, a gente fica tão leve, tão em paz com todo o mundo!

Mais uma dose. Sinto a cabeça rodar. (Ainda não é tanto a bebida, mas o meu estado deprimente e este ambiente que me sufoca). Estou fraco p'ra bebida, também é verdade. Três cálices e fico assim. Sim senhor! Preciso dar um jeito.

Acendo um cigarro. Ponho-me a fazer bolinhas no ar, com a fumaça. Que gracinhas. Tenho vontade de rir, de rir muito. E quem é capaz de impedir-me? Aqui não há ninguém, no mundo todo não há ninguém. Só eu, só eu. (E mesmo que houvesse!) Vou rir, ora se vou. Soltar gostosas gargalhadas. Como é bom viver! (Bom uma figa!)

«Garçon, outro. Bem cheio, não queira me tapiar. Nada de colarinho. Não estou bêbado, não! Assim! Sabe quem eu sou? Não sabe! Será possível que ainda exista quem não me conheça? Sim senhor! Não me conhece... Já se foi embora...»

«Garçon, oh garçon, dobra...»

A sala está girando, girando loucamente. Vejo tudo embaçado. Onde estou? E esta gente? Que salão mais gozado este! (Será o salão?) Imenso. Infinito. As mesas tão longe uma da outra. As pessoas estranhas. (Estou perdido noutra planeta). E agora como as mesas estão tão perto uma da outra. (Mas não é perto nada). É uma única mesa. Estamos num banquete. O orador. Sou eu o orador. «Queridas senhoras, prezados senhores, a mirabolante enxurrada monossilábica da metafísica transcendentalística e hiperbolicamente ultra esquisofrênica...» Fugiram. Evaporou-se tudo. Estamos num bar. Todo mundo dança. Música. Bar tão pequeno. Aquela mesa ali tão perto. Aquela loura. (Um segredo. P'ra não contar p'ra ninguém). Vou tocar nas coxas daquela loura. Alisá-las. Beliscá-las. Mas que é isto? Caí! Meu braço não atingiu nada. Não pode ser. Protesto! Faço bolo. (Tanto que eu queria tocar agora em qualquer mulher! Sentir que ela me quer. Que ela me olha com simpatia).

Vou tentar com aquela morena que está ali. Esta eu pego. Como está com os seios quase de fora! Vou apertá-los bem. Depois quero beijá-la. Abraçá-la. E por último, então, lhe digo...

«Garçon, ei garçon, outro. Vamos beber. Eu pago...»

...Querida, teus olhos, teus cabelos, teus doces lábios, teu corpo...

...Eu pago. Sou escritor famoso. Não me conhece! Absurdo!...

...Não me deixes só! Toma um traço comigo. Não fuge. Vem. Sou tão sozinho! Te darei todo o mundo, em sonhos. Te embalarei. Te... Não vás. Se tu fores embora, eu choro. Choro, pronto...

...Absurdo! Seu Anatole sempre dizia qu'eu chegaria a ser um grande artista. Ah ah ah ah! Que gosado...

...O amor, ah! O amor, sim, o amor, oh! O amor...

...Grande coisa! Artista, sim senhor. Garçon, me dá um traguinho. (Eu implorando p'rum garçon!) Que cômico, que trágico, que ridículo.

...O amor, ah, o amor, sim, o amor, oh! O amor...

...Que será? Estou tão leve. Vou voar. Bum - Buuum - Zuum. Pelo ar. Pelo ar. Que bom! (Sou pássaro). Sim senhor. O diversionismo. Ah, bem. Isto é coisa do Gilberto que quer ser diferente dos outros e de si mesmo. Besteira! Eu? Não, não! Eu sou o Anilas, escritor...

MARÇAL

Um café superior, para o seu paladar apurado

Fabricante: A. LISBOA

BIGUAÇU — STA. CATARINA

À venda nas boas casas do ramo

... Mas que? A morena virou moreno...

... Garçon, outro. Sou escritor a preços módicos. Qualquer gênero. Garçon, te pago com um poema. Um trago. Dinheiro não tenho...

... Desculpe, amigo. Vamos...

... Meu amigo — qual meu amigo qual nada, eu nunca tive amigos — meu amigo dizia: Se se bebe, morre: se não se bebe, também se morre — então bebe e morre! Tanto «se». Meu amigo — que meu amigo que nada — era uma besta.

... Mas que sujeito gozado! Até parece um balão. Foi morena. Depois moreno, e agora é balão. Que virá mais a ser! Balão, mundo, bola!

Como a casa está girando! E as luzes também. E as pessoas. E tudo o mais. (Chutaram o mundo) Que será de nós que estamos dentro dele? (Com certeza lá no céu estavam jogando uma partida de futebol. A bola arrebentou e aproveitaram o mundo p'ra acabar a partida) E só eu é que sei, somente eu tomei conhecimento do caso. Vou avisar o mundo. Vamos protestar. Ei, pessoal, escuta:

«Nas infinitas alturas metafísicas e transcendentes, um dia Deus estava tãistonho. E então os santos e anjos se reuniram. Tinham por obrigação alegrar Deus que estava triste por causa do mundo, das misérias e desinfelicidades do mundo. Fizeram tudo — e Deus triste. Enfão, São Miguel, que havia estado em missão no Brasil e assistiu a uma partida de futebol — gostou muito — propôs que se realizasse uma p'ra Deus. Ninguém sabia jogar. São Miguel ensinou. São Pedro goleiro p'rum lado, São Gabriel p'ro outro e com mais vinte que eu não conheço, começou o jogo. São Miguel, juiz. Toda pessoalama do céu, torcendo. P'rum lado ou p'ro outro. E Deus gostou, riu, estava se distraindo, quando Satanaz, que quer que o mundo seja infeliz, valendo-se de um descuido dos santos, furou a bola. Colocou o mundo no lugar. E é por isso que estão jogando com o mundo!

«Ninguém acredita... louco, todo o mundo está louco...»

Um tempão enorme, que parece uma eternidade, em que fico estirado na cadeira. Estirado somente. Depois...

«Garçon, manda esta casa parar. Manda o mundo parar. Senão eu mando (Está rindo) Não me acredita? É isto mesmo. Os homens sempre descreem de seus salvadores e os xingam.»

«Garçon, outro. Garçon, garçon. Bandido, não me atende. Eu, um grande escritor...»

Levanto-me. Cambaleio. Esbarro em mesas. Piso pessoas. Sou xingado. Xingo. Falo e rio. E vou até o balcão.

«Garçon, mais unzinho só. Unzinho desse tamanhinho. Assim, que camarada que tu és! Garçon, quero beber o mundo, sabes. Estou triste, muito triste. Esta vida é uma droga. Deixa qu'eu te conto a minha história. Sou escritor, sabes. Te conto porque quero beber o mundo. «Bebe, que ao cabo da noite escura, etc». Quem foi mesmo que disse isso? Conheces? Não! Alguém disse, ora essa! Boa piada, né? Sou um humorista de mão cheia. Garçon, outrozinho. Estou triste, pessimista. Te conto a minha história. Ela é feia como o mundo e bela como o mundo (vou escrever esta frase p'ra empregar num conto. Bonita frase!). Me empresta um lapis e papel. Te conto a minha história. Um traguinho. É bom beber, né? Beber p'ra esquecer. Por isso não te conto a minha história. Pensas qu'eu bebo por causa de uma fêmea? Pois não é. É por caso d'um macho. Que cara de espanto é esta? Não sou não. Vou te explicar. Um macho roubou a minha fêmea. Bebo por causa dum macho, né?»

«Garçon...»

«Como é beleza, está p'ra nós? Quer um traguinho. Credo! Mas sim senhor, não é um macho. Estou pesado. Que tão parecido com mulher! Garçon, um trago aqui p'ro amigo. E um p'ra mim. Desculpe sim amigo. Desculpe. Um aperto de mão. Dá. Um abraço. Dá. Isso, nós somos amigos. Desculpe. Somos amigos. Eu escrevo um poema p'ra você. Vamos beber. Paga um traguinho? Desculpe sim. Não tenho culpa que você seja parecido com mulher. Que é, é, não é, garçon? O que? Já se vai? Ficou zangado. Não é possível! Não faça isto.



A mão de obra empregada na cerâmica da Grã-Bretanha tem dado, através dos tempos, pela sua grande capacidade, fama mundial aos produtos oriundos dessa cada vez mais desenvolvida indústria. A fotografia acima mostra um habil desenhista empenhado na confecção de um modelo de um vaso de cerâmica.

(British News Service)

Tome estezinho. tome. Só êste. Vê como está bom. Não quer mesmo. Vai embora mesmo! Ingrato! Então eu tomo os dois. E mais outro. Vou chamar o garçon».

«Garçon... garçon... me traga um copázio e me diga uma coisa. Aquele sujeito parecido com fêmea que saiu agora daqui, é ou não é? Ein? Garçon, olha a casa girando de novo. (Será que vão, lá no céu, fazer outra partida? Tem graça). E a música. Onde está o pessoal? Que tão pouca gente! Porque está tudo boiando no ar? Que...»

«Mas como? O que? Quer me botar p'ra rua. Eu! Um escritor famoso. Não é possível. Eu brigo. Sou forte. Ninguém até hoje me botou p'ra rua. É bom na rua, né? O vento, a noite, as árvores, as estrêlas (tem estrêlas?), o céu... mas não vou não. Não me botam. Quero ver. Não tem macho p'ra isto».

(Como é bom ser carregado. Quando eu era pequeno, chorava p'ra minha mãe me carregar no colo).

... Estou atirado na rua. Atirado. Estatelado no chão. O sereno, pouco a pouco, me refresca a cabeça...

O bar já está fechado. Tudo escuro. Há quanto tempo estarei aqui?

A cabeça me arde. Tenho a lingua e a garganta sêcas. Um queimor na boca do estomago. Um entorpecimento geral. Desejaria não me mexer nunca mais.

Tento me erguer. Cambaleio. Os membros não obedecem ao chamado do cérebro. A cabeça parece querer rebentar. Tudo rôda. Aperto as fontes com ambas as mãos. Penso que o tempo da cabeça vai sair (ora se vai).

E fico assim parado, encostado à parede, longo, longo tempo.

Mande suas produções para «Sul», se tiverem méritos serão publicadas.

SARNA BRABA

Conto de

C. BOUSFIELD VIEIRA

Tem muita gente na sala e êle está com uma vontade louca de se coçar. Si fôr esperar que aquela mulherada toda saia de lá, morre velho. Inda mais que agora a mãe começou a falar na «Sinha Francelina, a vizinha do seu Mandico, aquele que tinha uma filha casada com o Pedro Burchó, irmão da Ana do Chico da Baía», e por aí afóra... Não! O que êle tem que fazer é pedir licença p'ra elas e sair da sala. E é o que êle faz. Ah! Agora, sim! Na varanda, êle pode coçar-se à vontade. E êle começa a coçagem. Primeiro, a barriga. É o lugar onde dá mais coceira. Depois, os braços, as pernas, as costas, a cabeça. Coça também os sovacos... (E coçar os sovacos dói que n'ê brincadeira!) Volta prá barriga. Coça com gosto, mesmo. A mão vai descendo, descendo... Sempre coçando, entra por dentro das calças. Coça tudo, por aí. Vem prá cima, agora. Continua a coçar. Coça que se escangalha todo! A barriga, o pescoço, as costas, os sovacos, o peito, as pernas. Oh, que sarna braba!

—Mô filho! Quem sabe isso não é alguma coisa que você andô pegando dessas mulhé aí da rua?

O que? Não sinhora... A sinhora pensa que sarna si pega assim à toa? E fique sabendo, minha mãe, qu'eu não ando com essas mulheres aí da rua!

—Mas de qualqué forma, meu filho, você divia tomá umas injeção pru sangue.

—Injeção?! Eh! Nem me fala! Tenho pavor a isso.

—Ah! é? Pôs então dêxa essa sarna t'acabá!

—Ora, mamãe! Nem tanto... O que eu vô fazer é comprar uns pacofinhos d' enxofre prá sinhora misturar cum banha prá eu enxofrar toda noite, sabe?...

Ui! Como dói essa cocêra, nossa! Ota que sarninha braba! Pomba! Não posso parar um momento. Olha aí: ainda nem acabo de coçar a barriga, já 'stá me dando comichão nas costas. Ah!!! Eu quiria más era ter uma escova de fios de aço, em vez de cabelos, prá m'esfregar com ela até fazer sangue. Só assim eu matava essas cambada d'esses bichinhos que não fazem ôtra coisa sinão aborrecer a paciência da gente. Ai, desgraçado! Na barriga... aí... aí... Ah-ah-ah-ah! Que tom! Más embaxo... Aí, isso! Ah-ah! Que isso chateia a gente! Não!!! Quando eu cumeçar a m'enxofrar, não paro mais. Vou ficar catigando, mas também acabo com essa desgraçada dessa sarna!

- O senhor tem aí d'esses pacotinhos d' enxofre?
—Tenho, sim senhor!
—Quanto custa, eim?
—Um cruzeiro...
—É grande, é?
—O senhor quer ver?
—E... O senhor me mostre.
—Dêsse tamanho aqui.
—Hum! É piqueno... Bem... Me dê três pacotinhos d'esses.
—Quer qu'embrulhe?
—Não! Vai assim mesmo.
—É só?
—É, sim senhor...

Agora, aí está êle, se enxofrando. Está em pêlo. Assim é muito melhor, prá gente se enxofrar. Êle já passou enxofre da cintura prá cima. Não teve pena de gastar. Abarrotou, mesmo. Nas costas, a gente chega até a ver montinhos amarelos e brilhantes, que vão descendo devagarzinho pela pele, por causa da banha. Na cabeça, eh! Os cabelos já mudaram de côr e de forma. Estão amarelos, também. E meio enroscados, como os cabelos das criancinhas erespas. Êle já está quasi no fim. Pronto! Terminou... Ah, não! Ainda falta o pescoço. Enxofra o pescoço. Pronto... Mais nada? Nada... Veste o pijama, então. Que arrepio que êle sente nas costas, quando o pijama, roça na pele enxofrada, eh! Faz até a gente ranger os dentes. Calça as meias e cobre a cabeça com um pano velho, que é prá não sujar o lençol e o cobertor. Deita-se...

Ah-ah-ah-ah-ah! Agora é qu'eu quero ver como é que essa cambada vai s'arranjar! Há-há! U-u-u-uu! Puxa que cocêra! Oh, não... Vô me coçar. Ah, não posso! O enxofre... Nem é bom coçar, mesmo... Vô ficar com as unhas todas cheias de enxofre... Pomba! Como dói essa cocêra! E que forte que está! Na certa, são êles que estão extranhando o enxofre. Anda! Bem feito!... Quem mandô se meter na pele da gente? Agora vocês têm que dar duro! Eh! Êles devem estar correndo como loucos, lá dentro da pele. Êles andam na pele da gente, sim! Eu já vi uma fotografia d'êles na pele da gente. Foi numa ciência que eu tinha. Êles têm uma porção de patinhas, assim como uma aranha. É com elas que êles fazem a comichão... U-u-uu! Como pica, êsse trôço! Pô! São êles, na batata. Ah! Não estão gostando do enxofre, n'ê? Quem mandô? Agora sofre, cambada! Aguenta o tranco, aí, qu'eu vou durmi, sabe...

DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA

CLÍNICA GERAL DE ADULTOS
DOENÇAS DE CRIANÇAS

Consultório: RUA TRAJANO, 29

Residência: RUA ALVES DE BRITO, 20

FLORIANÓPOLIS

CLÍNICA DE CRIANÇAS

— do —

DR. M. S. CAVALCANTI

Residência:

Consultório:

RUA PRESIDENTE COUTINHO, 23

RUA SALDANHA MARINHO, 16

Fone M. 732

Das 3 às 5 horas

FLORIANÓPOLIS

Notícias bibliográficas

(Sob os auspícios da Livraria Rosa - rua Deodoro, 33 - Florianópolis)

por J. T. ROSA JÚNIOR

"HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO FRANCESA" — numa tradução de Antônio Ruas, lançada a Edição Melhoramentos, essa obra em Thomas Carlyle, no seu estilo vigorosa, singular, atraente.

Contém cerca de 780 páginas e 16 fotografias das principais figuras da época. Sobre o assunto, *Chesterton*, escreveu: «A Revolução Francesa foi um repentino despertar daquele terrível espírito de homem que dorme através grande número de séculos; e Carlyle encarece isso e descreve-o mais poderosa e terrivelmente que nenhum historiador humano...» **"COMÉDIA HUMANA"** A Livraria do Globo planejou a edição das obras completas de Honoré de Balzac. Suas 86 obras serão reunidas em 17 volumes, na série «Biblioteca dos Séculos»... Cada volume conterá um (e até dois) dos mais famosos ensaios de críticos internacionais sobre a figura e obra inconfundível de Balzac.

O segundo volume acaba de ser editado, e traz, (como trarão os futuros volumes também) um estudo introdutório, escrito, especialmente, por Paulo Ronai, o organizador da edição em referência... **"NO RIO DE JANEIRO DE D. PEDRO II"** — Os amantes de estudos históricos, têm mais uma vez oportunidade de travar conhecimentos com assuntos pátrios, através da palavra e das impressões de viagens de visitantes europeus. (4 franceses, 5 belgas e 1 belga). Pertence esse livro que a Editora Agir acaba de editar, a uma série que Afonso de Escragnohe Taunay, com a perseverante paciência de rebuscador, erudito, dos nossos arquivos, vem brindando as letras brasileiras. Na referida série já se publicaram **NO RIO DE JANEIRO NO TEMPO COLONIAL; NO RIO DE JANEIRO DOS VI-CE-REIS; NO RIO DE JANEIRO DE ANTANHO.**

=====

Dar apóio às iniciais do CÍRCULO DE ARTE MODERNA, através do seu Teatro de Câmera, sua REVISTA e outras atividades que futuramente surgirão, é colaborar com o movimento da nova geração catarinense e lançar o Estado de Santa Catarina nos meios artístico e literários do Brasil.

=====

O «PARAISO» DE DUHAMEL

PARIS — S. F. I. — Estes «*Souvenirs de la vie du Paradis*», que acaba de publicar Georges Duhamel, não são a continuação de suas «*Memórias*», de que já saíram dois volumes cheios de interesse. Trata-se de uma fantasia bastante desconcertante, que tem um pouco do *Micromégas*, do livro de piedade e da *Ilha dos Pluquins*. O Paraíso que ele nos descreve, e, não há dúvida, o Paraíso cristão, ao mesmo em suas linhas essenciais, porque, no que respeita ao detalhe, e de uma imaginação um tanto heterodoxa. De quando em quando, lembra Jean Effe, em «*La vie naive d'Adam et Eve*», com efeitos bastante faceis: que dizer, por exemplo, do «*astrofona*», que permite comunicar com as maiores distâncias nos espaços celestes, dessas «*botas*» chamadas de São Miguel porque o arcanjo cal-

para botas a moda no dia famoso de sua vitória sobre o dragão, ou dos tickets de racionamento que os condenados deverão apresentar para terem direito às lágrimas.

Naturalmente, não há nada perfeito no Paraíso, embora o Pai seja a própria bondade e os eleitos possam realizar todos os seus desejos... Mas ninguém está realmente satisfeito e todos têm saudades da Terra; o favoritismo corrompe a admissão no Paraíso, a burocracia desorganiza a administração paradisíaca e Deus está muitas vezes triste.

Jacque Lethève, registrando este livro na revista «*Paru*», pergunta: «*Quais as intenções profundas de G. Duhamel? Devemos, sem dúvida, tomar esta fantasia pelo que ela é, quer dizer, por uma coisa sem impotência de maior. Senão, os admiradores de seu talento, geralmente tão solidamente humano, teriam que deplorar a publicação de um passatempo tão laborioso.*»

DR. WALDEMIRO CASCAES

ADVOGADO

Causas cíveis e trabalhistas

Escritório: Rua Trajano, 11 - 1º. andar

O sentimento poético de Portinari

PARIS — (S. F. I.) — Raymund Cogniat escreve sobre Portinari, na revista «*ARTE*», de Paris:

«*Portinari mostra-se-nos como um dos raros artistas que, conseguiram fazer a difícil síntese entre as mais modernas expressões estéticas e as angústias humanas. Assim, em sua arte, se apresenta especificamente seu país de origem, o ultrapassa singularmente, colocando-se entre os grandes artistas, cuja mensagem assume um valor internacional. O assunto, para ele, é apenas um pretexto para chegar a um plano mais geral, mais alto e mais patético.*»

Por muito moderno que seja este artista e muito audacioso e essencial a sua técnica nunca nele ultrapassa o sentimento poético; ao contrário, permanece-lhe infinitamente ligada para atingir uma expressão de rara intensidade. Assim, o que domina esta criação, é um espantoso poder plástico e dramático, um sentimento de grandeza que com igual facilidade se encontra nas obras de pequenas dimensões como nas mais vastas.

É a presença do humano, mesmo nas obras quasi abstratas à força de concentração e de vontade».

=====

Leia no próximo número:

Lima Barreto, um escritor quase desconhecido

de Salim Miguel

O TARADO

José Medeiros Vieira

(Do "Clube de Cooperação Cultural")

Diz Nathaniel Wright Stephenson, escritor norte-americano, que *todas as histórias são antigas*. E é isto mesmo. A que vou contar nestas linhas, por exemplo, é do tempo do onça. Nem sei se algum autor ocioso já a trasladou para o papel. Em todo o caso, "embora velha e revelha, êla tem actualidade renovada"

... Era uma vez um pai e uma mãe que tinham um filho tão ruim, tão malvado, tão sádico, que até parecia não incarnar alma alguma. Um verdadeiro João Sem Alma.

Amargura dos pais, terror da vizinhança, desmentido cruel do lado bom da natureza humana! Um Átila doméstico, um Hitler do reich familiar e adjacências...

O olho vazado do gato da casa, o rabo atorado do cachorro do vizinho, vidraças estilhaçadas, o guarda-comida transformado em esterqueira, com uma tigela a transbordar de excremento de vaca (originariamente destinado a adubo da horta, uma *horta da vitória*), os dentes de leite do seu irmãozinho mais moço arrancados prematuramente, o colapso cardíaco que vitimou a avó (um anjo de paciência e resignação!), embranquecer precoce do cabelo dos infelizes progenitores apesar de toda a *Loção Brilhante* que usavam, e muita outra coisa que as boas-maneiras literárias não permitem se mencionem nem por alusão (o morigerado Leitor deve estar mesmo assoberbado de indignação), essas incríveis abominações *et caetera* perfaziam a *esteira* deixada pelo pequeno monstro.

Castigos, conselhos, brinquedos, a poderosa pedagogia salesiana tudo em vão!

E o pior ao relatá-lo a emoção me embarga a voz, digo a pena -, o pior de tudo: o garoto energúmeno não chorava! Jamais uma lágrima lhe alijorara os olhos (olhos notavelmente remelosos, pois o diabinho não admitia lhe lavassem o rosto). Nem rira nunca. E o riso é o distintivo humano por excelência. Os únicos animais que riem... somos nós - generosos Leitores... Quando muito, arreganhava a cara num esgar menos cínico que satânico e se esganicava num gargalhar metálico, sinistro, aterrador, à Lamartine Babo...

Um dia, apareceu no lugar, isto é-nô céspede natal do nosso João Sem Alma, um professor de *Psicologia da Infância*. Apareceu não é o termo justo. Foi engendrado pela apadrinhagem do Intendente para funcionar no educandário local. Essa, todavia, é outra história, e será contada, oportunamente, com os devidos pontos nos *ii*...

E — voltando à vaca fria — o João Sem Alma foi confiado aos cuidados profissionais do novel psicólogo, que prometera ao pai humanizar o filho.

Principiaria por ressussitar-lhe os bons sentimentos nascidos mortos. A pouco e pouco, amolecer-lhe-ia o coração empedernido. E o rapaz acabaria chorando... Sim, choraria! Tudo decorreria paulatinamente.

O resto reduzirei a simples questão de *reflexos condicionais*... E gravem isto: não se lapidam diamantes à força bruta!

O bom homem, dès que as circunstâncias o fizeram professor de educação, vivia repetindo a cada passo, intempestivamente e absurdamente repisados, brocardos pedagógicos e um batidíssimo léxico da terminologia psicológica.

O garoto choraria.

... Chega, enfim, o dia do *test preliminar*. Uma sala, o

professor e o paciente. Por trás do reposteiro, os desventurados e ansiosos pais.

É apresentada ao gurí, sem preâmbulo algum, velha gravura representando certa cena passada no anfiteatro romano, aos primeiros tempos do cristianismo. Na arena, dois condenados — jogados àquele instante às feras — e três esfomeados, leões avançando ferozmente...

Mal dá o peralta com a estampa, e prorrompe, repentinamente, inesperadamente, assustadoramente, num choro inédito e copioso! E como são abundantes as primícias deste pranto infantil!

Não há dúvida. O professor triunfa. A criança tem coração. E que grande coração! Vítima dum erro de educação, o pobrezinho passara por não ter alma...

O pai está tonto de emoção. A mãe chora baixinho. E a consciência do mestre encontra-se, afinal, em paz.

Contudo, o menino está chorando demais e o soluçar impressionante ainda não sofreu solução de continuidade. E as lágrimas a extravazarem mais daqueles olhos, agora tão infantis, tão meigos, tão inocentes, tão humanos!

O pai se acerca docemente do filhinho, acaricia-lhe a cabeleira ruiva e recomenda-lhe ternamente que não chore mais...

O rosto congestionado, o nariz a escorrer, as vistas embaciadas, a boca salgada pela intrusão do secreto pituitário, a criança é o monumento vivo da desolação... A mãe acode, então, angustiada:

— Dize só pra mim, Gibi — tal o nome do pequeno — Gibi querido, por que está chorando tanto?

— Fiquei com pena, com muita pena, mamãe...

— É natural... Tu tens bon coração, filhinho... mas, agora, não precisas chorar mais...

— Eram três leões e dois cristãos, mamãe...

— Pois é, Gibizinho...

— Três leões e dois cristãos... uma barbaridade, uma injustiça, mamãe! (E, por entre soluços cada vez mais fortes) Mamãe coitadinho do terceiro leãozinho... Não tinha cristão pra comer!...

... Muito político do momento é como o protagonista principal da historieta acima.

Quando fala, quando se comove, quando chora, é, exclusivamente, para lamentar a sorte ingrata do terceiro leãozinho que não tem também um cristão para devorar...

— Coitado do terceiro leãozinho!...

Carioni & Irmãos

Tudo para automovel

— Florianópolis —

BREVEMENTE:

O Círculo de Arte Moderna

Apresentará o seu

Teatro de Câmera em:

UM TACITURNO

três atos de ROGER MARTIN DU GARD

Interpretação de:

Anibal Nunes Pires

Ody F. e S.

Eglê Malheiros

Lory Ballod

Wânio J. Mattos

Jason Cesar

Leny F. e Silva

MÚSICA DE:

Debussy, De Falla e Stravinsk.

Produção do

Centro Acadêmico XI de Fevereiro, da Faculdade de Direito de S. C.

Direção e cenário de

ODY F. e S.

Contra - regra

Fúlvio Vieira

Ponto

Armando S. Carreirão

REAL

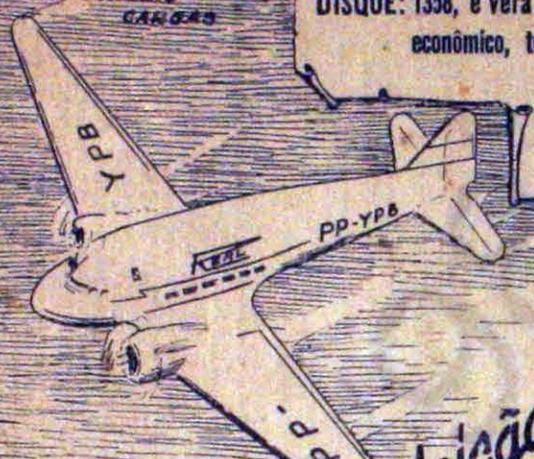
PASSAGEIROS
ENCOMENDAS
CORREIO
CARGAS

HORÁRIO

2ª, 4ª, e 6ª. feiras

partidas de Florianópolis 16,00, horas para:
CURITIBA — SÃO PAULO — RIO
DISQUE: 1358, e verá como tudo é rápido, cômodo e
econômico, tratando-se da REAL.

AGENTES: OLIVEIRA & CIA.
Rua Felipe Schmidt, 5



Voe pela REAL perfeição sem igual

